

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: A história dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres no Brasil: percursos de resistências

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i1.13830

ISSN: 2763-8804

Liberdade, igualdade e solidariedade feminista:

*interpretações e reinterpretações sobre o livro “O feminismo é para todo mundo:
políticas arrebatadoras”, de Bell Hooks (2018)*

Francisca Cibeles Da Silva Gomes ¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

GOMES, Francisca Cibeles Da Silva. Liberdade, igualdade e solidariedade feminista: interpretações e reinterpretações sobre o livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, de Bell Hooks (2018). *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 22, n. 1, p.191-198, Jan/Abr 2023.

Recebido em: 27/05/2022 | Aprovado em: 28/02/2023 | Publicado em: 20/03/23

¹Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Piauí (2021).

Liberdade, igualdade e solidariedade feminista:

interpretações e reinterpretações sobre o livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, de Bell Hooks (2018)

Resenha: HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luzia Libânio. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6969603/mod_resource/content/1/bell_hooks_O_feminismo_%C3%A9_para_tudo_mundo_Pol%C3%ADticas_arrebatadoras%20%282%29.pdf. Acessado em: 06 set. 2022.

Bell Hooks, ou ainda, Gloria Jean Watkins – seu nome verdadeiro, nasceu em 25 de setembro de 1952, em Hopkinsville, no sul dos Estados Unidos e morreu em 15 de dezembro de 2021 no mesmo país de origem. Cresceu em uma família da classe trabalhadora, seu pai, Veodis Watkins, era zelador e sua mãe, Rosa Bell Watkins, era empregada doméstica. Tinha cinco irmãs e um irmão. Constituiu-se como uma família patriarcal e monogâmica, em um contexto de segregação racial, no qual as leis raciais faziam-se presente, inclusive nas instituições escolares.

Iniciou seus estudos em escolas públicas e ao ingressar em uma instituição integrada, onde a maioria dos docentes e discentes eram brancos, sentiu fortemente o peso da discriminação racial. E em 1973, conseguiu uma bolsa de estudos para o curso de licenciatura em Letras pela Universidade de Stanford. Também concluiu seu mestrado pela Universidade de Wisconsin-Madison, em 1976. E em 1983, terminou seu doutorado na Universidade da Califórnia.

Ao longo de sua formação acadêmica e trabalho docente, publicou livros, artigos e documentos voltados para o campo das relações de raça e gênero na sociedade patriarcal capitalista contemporânea e ao longo da história norte-americana. Também voltou-se, sobretudo, para o estudo e análise do movimento feminista ao longo do século XX e início do século XXI.

Dentre suas produções estão: Tudo sobre o amor (2021), Teoria Feminista: da margem ao centro (2020), Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática (2020), Anseio: raça, gênero e políticas culturais (2019), Olhares Negros: raça e representação (2019), Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra (2019) e Não serei eu mulher? – as mulheres negras e o feminismo (2018).

Um de suas produções intelectuais mais didática e esclarecedora do ponto de vista de ser difundida como um manual, ou melhor, uma cartilha autoexplicativa sobre os preceitos do feminismo ao longo da história, foi o livro O feminismo é para todo: políticas arrebatadoras (2018). Cujo o conteúdo serve de base não somente para mulher, mas para o público em geral no sentido de ser um forte aliado nos estudos relacionados as concepções teóricas que constituem o sentido do movimento feminista mundialmente.

Na medida em que ao longo de seus capítulos, Bell Hooks (2018), vai tecer uma análise minuciosa e ao mesmo tempo didática com uma linguagem clara e concisa acerca das principais perspectivas que fazem parte do movimento feministas. Desde de suas bases históricas até a contemporaneidade. Ao abordar temas como: a discrepância racial; a desigualdade de gênero; a violência contra as mulheres, as crianças e até o público masculino; o pensamento patriarcal capitalista; os limites entre o público e privado no que tange a participação feminina no movimento feminista; o medo e o preconceitos difundidos pela mídia em relação as feministas; a relação de dominação entre gêneros; a questão da liberdade sexual; a introdução de uma política de incorporação do público homossexual no desenvolvimento do feminismo, são alguns das diversas e heterógenas perspectivas que fazem parte do feminismo e que Bell Hooks (2018), abordou em seu livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*.

Este, por sua vez, foi dividido em 19 capítulos, cada uma das subdivisões abordam um aspecto que fez parte do feminismo, assim como estratégias desenvolvidas pela autora que seriam expoente significativos para romper com o patriarcado estrutural. Portanto, constituem-se fundamentais para o aprofundamento teórico e prático do movimento feminista em termos educativos e em sua expansão dentro das diversas e heterógenas sociedades espalhadas pelo mundo.

O primeiro capítulo intitulado: Políticas feministas em que ponto estamos, tem como ponto de partida a descrição do feminismo como conceito, ou seja, trata-se de um movimento organizado, orientado e definido com proposito de acabar com o sexismo. Indicando como problema que precisava ser solucionado. Assim como, estava relacionado não somente ao homem, mas a reprodução do pensamento sexista também pode ser reproduzida através das mulheres, crianças, jovens e idosos.

Também se enquadra como uma luta a favor da liberdade, igualdade, contra a violência, a segregação, a discriminação e o abuso vinculado ao patriarcado, portanto, tornou-se um movimento pelo fim da subordinação feminina em relação ao homem e inferiorização da mulher na sociedade. Trata-se de uma organização social de cunho igualitário que pretende englobar todos os grupos sociais, econômicos e políticos, inclusive os homens. Pois, não é um organismo político anti-homem, mas atua no intuito de aderir a todos por uma sociedade onde a igualdade e o respeito sejam alcançados sem discriminação, mas igualmente iguais homens e mulheres.

O segundo capítulo intitulado: Conscientização: uma constante mudança de opinião tem como intuito conscientizar o público em geral que o feminista pressupõe mudanças reais na sociedade. Estas por sua vez direcionadas a conscientizar a todos que a liberdade, a igualdade e o respeito são homens e mulheres independentemente da sua origem; condições sociais, política e econômica ou orientação sexual.

Assim como, enfatiza que o patriarcado é um pensamento que corrompe a sociedade ao limitar a atuação de homens e mulheres. Visto que a dominação masculina transforma indivíduos em vítimas, oprimidas e violentadas. E seria através da ação conscientizada e educativa que poderiam alterar esta realidade, pois o sexismo é o verdadeiro inimigo e sua reprodução deveria ser combatida por meio da educação em todos os níveis de ensino.

O terceiro capítulo tem como título: A sororidade ainda é poderosa, enfatiza a solidariedade entre as mulheres através da consciência crítica para a compreensão da realidade política e assegurar que criança e jovens mulheres possam se aproximar do feminismo e não apenas temerem como um movimento anti-homem o que de fato não é. Rompendo as barreiras da ignorância e aproximado todos que desejarem da organização feminina.

O quarto capítulo tem como título Educação feminista para uma consciência crítica abordou a questão da formação educacional das mulheres dentro da perspectiva de igualdade de gênero e participação feminina nos âmbitos acadêmicos e na sociedade em contrapartida a difusão de preconceitos e falsas ideias a respeito do feminismo. Portanto, a introdução educativa do pensamento feminino nos espaços educacionais corrobora com a corrosão de suposições, opiniões infundadas sobre o trabalho das mulheres e a necessidade da constituição e difusão de um movimento voltado para equiparar a participação feminina nos âmbitos públicos.

No capítulo cinco denominado Nosso corpo, nosso ser: direitos reprodutivos, tratou da liberdade sexual e reprodutora das mulheres, portanto a sua própria escolha em relação aos seus métodos contraceptivos, ao aborto, à saúde digna, a escolha de seus parceiros, etc. são direitos que deveria ser partilhado por todo público feminino, porém os movimentos contrários a reivindicação e a aquisição dessas necessidades são entraves para o exercício do direito reprodutivo.

O capítulo seis Beleza por dentro e por fora, abordou a liberdade necessária a todas as mulheres exercerem sobre seus próprios corpos que corroboraria com a constituição de uma autoestima saudável, usar as roupas que desejarem desafiando a indústria da moda e dos padrões sociais, reivindicar uma vida sem distúrbios alimentares, para que não pudesse ser desenvolvido uma cultura do ódio a si mesma e reconhecesse seu próprio valor sensível e significativo para com as delimitações da sociedade. Serem livre para escolher o seu próprio corpo em detrimento de qualquer imposição que pudesse ferir a si mesma e envenenar a sua mente e a sua beleza, pois não será possível amar seu físico sem conhecer a simbologia e a sua própria história.

Já o capítulo sétimo Luta de classes feminista, tratou das diferentes concepções de feminismo como luta envolvem componentes distintos em suas necessidades não coletiva. Pois, as mulheres negras lutavam não somente pelo direito em ter acesso

equitativo as condições de direitos que os homens usufruíam, mas também não discriminação pela cor de sua pele e a sua origem afro-americana, ou ainda a sua condição econômica. A luta contra o patriarcado e rigidez dos padrões sociais dividia a organização do movimento e limitava a sua orientação para uma solidariedade voltado para o compartilhamento de oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

O capítulo intitulado Feminismo global, tratou da organização de um movimento feminista a nível mundial, mesmo considerado a heterogeneidade regional, mas que a sua contribuição coletiva voltava-se para a construção de um organismo que pudesse atuar nas mais distintas esferas sociais, políticas, econômicas e cultural unindo mulheres diferentes em prol de uma solidariedade igualitária comum.

No capítulo Mulheres trabalhando, voltou-se para o mundo do trabalho e das conquistas femininas no espaço público e privado das empresas. O acesso ao mercado trabalhista havia tornando-se uma realidade, no entanto limitado pela discrepância salarial, diferenças de tratamento e ocupação de postos em lideranças e nas condições de exercício profissional. O caminho para a autossuficiência ainda permanecia perene e distante. Dificultados ainda mais pela constituição racista na abordagem dos papéis femininos, citados no capítulo decimo Raça e Gênero, onde as mulheres negras ainda tinham mais limitações raciais que o público feminino branco na ocupação dos cargos em empresas. A princípio sua causa foi negligência pelas suas companheiras brancas, levando-se dentro do próprio movimento a discrepância racial, o que as levou a organizarem suas próprias demandas para a construção de um ativismo visionários organizado contra o racismo corroborando com a constituição do feminismo antirracista de base.

O capítulo decimo primeiro denominado Pelo fim da violência, tratou da conscientização feminina contra a violência doméstica e em vários espaços sociais. Destacando que a difusão do pensamento e as manifestações violentas são frutos não somente do público feminino, mas das mulheres que absorvem esse ideal como legítimo e utilizam da força para impor suas vontades seja aos filhos, as outras mulheres e a si mesma. A dominação masculina e patriarcal criar marcas em todos os âmbitos da sociedade e o pensamento feminista oferece a mudança necessária, mas depende de todos para a aceitação.

No próximo capítulo intitulado Masculinidade Feminista, abordou que o movimento organizado pelas mulheres não deve ter apenas como público alvo o público feminino, mas os próprios homens como vítimas e agressores do patriarcado assim como as mulheres. Será na união educativa pela liberdade e pela justiça para a cura para os males da discrepância de gênero e das violências cometidas diariamente.

Em seguida, o capítulo denominado Maternidade e paternagem feministas, tratou da educação sem sexismo, criando direitos também para as crianças serem educadas sem a imposição dos pensamentos dominantes voltando-se para uma prática livre da violência de gênero e da manutenção do patriarcado. Pois, precisa de um ambiente amoroso, sem violência, onde a liberdade e a autonomia sejam exercitadas plenamente.

O capítulo intitulado Casamento e companheirismo libertadores, abordou a liberdade do exercício livre e autônomo da sexualidade, assim como a defesa do divórcio e da união libertaria para a afirmação da felicidade individual e amizade entre os pares. Estabeleceu-se como um esforço para lutar contra a dominação masculina, voltando-se para a igualdade, respeito e satisfação mútua.

No próximo capítulo denominado Uma política sexual feminista: uma ética de liberdade mútua, enfatizou liberdade no exercício da sexualidade contra os horrores do casamento forçado, a gravidez indesejada, os métodos contraceptivos violentos, os abortos ilegais, os estupros, em esbarrar nos estereótipos e no preconceito. Pois, suas escolhas deveriam ser fruto do desejo próprio independente do sexo, raça ou classe na liberdade sexual.

O capítulo decimo sexto denominado Alegria completa: lesbianidade e feminismo, destacou as mulheres lésbicas ou bissexuais não aderiam ao feminismo pela sua orientação sexual, mas porque estavam engajadas contra os limites da raça, classe e sexualidade. Necessitam da liberdade para reivindicar a expressão de seus desejos e gênero. Desafiando a homofobia incluindo as mulheres heterossexuais e os homens, para serem reconhecidas e rebela-se contra os limites impostos pela heterossexualidade para serem reconhecidas como militantes e valorizadas como políticas.

No decimo sétimo capítulo nomeado Amar novamente: o coração do feminismo, tratou da relação entre homens e mulheres para a construção de um mundo menos patriarcal por meio da aceitação, respeito, compromisso e conhecimento como meio para reaver a justiça e transformar o mundo opondo-se à dominação machista.

Em seguida foi abordado a Espiritualidade feminista, que valoriza a prática religiosa como expressão da sua fé e das suas tradições. Não apenas nas religiões que difundem o patriarcado, mas na liberdade religiosa e espiritual sobretudo no espírito feminino que cria caminhos para questionar os sistemas de crenças, representando do divino em diversas maneiras e reafirmando a relevância da vida religiosa para a libertação da opressão e dominância unindo prática religiosa as lutas por justiça e liberdade na fundação de uma vida autêntica.

O último capítulo nomeado Feminismo visionário, onde reafirma a necessidade da expressão imaginativa de um mundo igualitário de justiça social para lutar contra os privilégios de classe, o racismo, a violência, o patriarcado e o preconceito. Voltando-se

par acabar com o sexismo, exploração sexista e dominação masculina. Para a sua perpetuação deve ser formulada e reformulada continuamente para atender as demandas eminentes, as maneiras de elaborar relações. E que a cada passa seja reafirmado a necessidade de mais e mais mudanças, pois aprender com o passado para alterar o futuro na vida pública e privada. As políticas feministas pretendem romper com a dominação e reaver a liberdade na vida pela justiça, paz e pelo mundo.

A leitura do livro em questão permite definir fundamentos em torno do que seria ou não feminismo de modo a romper com preconceitos estabelecidos na sociedade e difundidos mundialmente. Revelando-se ser um condensado, porém rico guia no mundo das lutas sociais femininas em prol da igualdade ao auxiliar diversas mulheres em torno das suas reivindicações no espaço social. Configurando-se também como uma chamada, uma carta reivindicatória a todas e todos os interessados em reformular paradigmas estruturas e romper com a ameaça patriarcal.

Todos fazem parte das necessidades feministas, afinal sua intensão tem como base a reformulação dos papéis sociais, políticos e culturais, onde as a população em geral tem interesses a serem refeitos para atenderem as suas demandas por mais liberdade, acesso a uma vida digna, ingresso trabalhista ao espaço público e privado a público feminino, livre aceito do seu próprio corpo, condições de saúde feminina para garantir a sua melhor inserção social pauta em uma reivindicação legítima a melhores condições de vida e sobrevivência no mundo machista.

Logo, pode ser acesso pelo público em geral, pois seu conteúdo além de esclarecedor em termos de esclarecer os aspectos teóricos que são pouco abordados em virtude dos empasses políticos, sociais e culturais que esbarram no patriarcado. Mas que no livro em questão foram apresentados de maneira fluída, direta e exemplar em uma linguagem acessível ao todos os interessados em discutir o assunto sem as limitações pré-conceituais e achismos populares. De modo, a sanar dúvida, esclarecer as intensões feministas, discutir o que seria o movimento, suas causas, suas reivindicações e os motivos para uma transformação necessária visando as melhores condições sociais para a vivência livre e segura não somente para as mulheres, mas a sociedade como um todo.

Portanto, discutir o feminismo permite atender as demandas sociais que a muitos séculos vivem atormentado as mulheres, pois o patriarcado suprimiu-as e silencio-as por tanto tempo que a sua voz mesmo abafada pode ser ouvida e a união feminina em torno da luta por melhorias sociais, políticas e economia tornou-se pauta reivindicatória que está longe de ser sanado, pois suas demandas tardam em serem atendidas, pois a luta envolve a população inteira homens, mulheres, crianças e idosos por condições mais dignas de viver.

